

**ALINE DE JESUS FARIAS OLIVEIRA**

**SOBRE PROCESSO DE APAGAMENTO DO RÓTICO EM POSIÇÃO DE  
CODA SILÁBICA: DIVERSIDADE REGIONAL**

Monografia submetida à Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Letras na habilitação de Português/Literaturas.

Orientadora: Professora Doutora Carolina Ribeiro Serra

Co-orientadora: Professora Doutora Dinah Maria Isensee Callou

RIO DE JANEIRO

2016

## CIP - Catalogação na Publicação

O48s Oliveira, Aline de Jesus Farias  
SOBRE O PROCESSO DE APAGAMENTO DO RÔTICO EM  
POSIÇÃO DE CODA SILÁBICA: DIVERSIDADE REGIONAL /  
Aline de Jesus Farias Oliveira. -- Rio de  
Janeiro, 2016.  
32 f.

Orientadora: Carolina Ribeiro Serra.  
Coorientadora: Dinah Callou.  
Trabalho de conclusão de curso (graduação) -  
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade  
de Letras, Licenciado em Letras: Português -  
Literaturas, 2016.

1. apagamento. 2. rótico. 3. nordeste. 4. coda  
medial e final. 5. variação. I. Serra, Carolina  
Ribeiro, orient. II. Callou, Dinah, coorient.  
III. Título.

Elaborado pelo Sistema de Geração Automática da UFRJ com os  
dados fornecidos pelo(a) autor(a).

## Sumário

1. Introdução.....	4
1.1 Estigma social .....	5
2. Objetivos .....	7
3. Justificativa.....	8
4. Corpus e metodologia.....	11
5. Revisitando os róticos .....	12
6. Hipóteses .....	13
6.1 Grupos de Fatores .....	14
7. Resultados e discussão .....	17
7.1 João Pessoa – verbos.....	17
7.2 João Pessoa – não-verbos .....	18
7.3 João Pessoa – Coda Medial .....	20
7.4 Teresina – Verbos .....	22
7.5 Teresina – não-verbos .....	23
7.6 Teresina – coda medial .....	25
8. CONCLUSÕES.....	26
8.1 Sintetizando as questões .....	26
9. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	30

## 1. Introdução

A variação é inerente a todas as línguas, se dá em vários níveis e pode ser condicionada por vários fatores, linguísticos ou sociais. Ao se observar a fala dos indivíduos de qualquer comunidade de fala, é possível detectar diversas formas linguísticas em variação. Para um fenômeno ser considerado variável, é necessário que ocorra variação entre duas ou mais formas, com, por assim dizer, o “mesmo valor de verdade”, ou seja, o falante pode optar por uma ou outra variante em determinado contexto sem que ocorra perda/mudança de significado. O conjunto dessas variantes compõe uma variável.

Este trabalho toma por base a teoria da variação e mudança (WEINREICH; LABOV, W. & HERZOG, M., 1968), e tem por objetivo observar e descrever a variação linguística dentro de uma determinada comunidade de fala, ou seja, visa a descrever o uso real da língua a partir de dados vernáculos. Diferentemente de outros modelos, a sociolinguística admite a heterogeneidade da língua e busca verificar os fatores sociais e linguísticos que condicionam a variação e/ou o processo de mudança linguística.

A variação e mudança linguísticas são intrínsecas a qualquer língua e, desse modo, a língua portuguesa falada atualmente é diferente da que era falada há 500 anos e será diferente da falada no futuro. Formas novas foram, são e serão inseridas na língua e outras caíram, caem e cairão no desuso. É evidente que nem toda variação leva a uma mudança linguística, entretanto, toda mudança implica variação.

Há, evidentemente, uma grande diferença entre aquilo que a gramática normativa propõe ser o “português correto”, que deve ser escrito/falado e o que, de fato, a comunidade de fala utiliza em seu vernáculo. Neste sentido, a norma-padrão não é exatamente uma variante da língua, mas apenas uma abstração, com o objetivo de chegar a uma “uniformização”, enquanto a norma-culta seria a variante linguística de uso real dos falantes mais escolarizados, isto é, com nível máximo de escolaridade em situações mais – ou menos – monitoradas. Não se deve esquecer que dentro de uma mesma comunidade de fala há diferentes normas linguísticas que vão desde as variantes mais prestigiadas socialmente às menos prestigiadas.

Este trabalho é composto de registros que estão, em princípio, de acordo com a norma-culta, pois há, no *corpus*, falantes com nível superior completo, mas também há

registros de outras variantes linguísticas, menos conceituadas pela sociedade, que são utilizadas por falantes de baixa escolaridade.

O importante é ressaltar que em qualquer norma linguística, seja mais ou menos prestigiada, há variação e que esta não deve ser tratada como assistemática ou um “caos”, mas como um fenômeno que pressupõe uma heterogeneidade linguística não-aleatória, regida por um conjunto de regras explicáveis e previsíveis. A sociolinguística contribuiu para a “constatação de que muitas formas não-padrão também ocorrem na fala de pessoas com nível superior, principalmente nos momentos mais informais”, como constata Cezario e Votre, no *Manual de Linguística*, pág. 142.

Como afirma Brandão (2013), certifica-se

[...] que a variação é uma característica inerente a qualquer língua ou a qualquer de suas variedades; ciente de que qualquer indivíduo, por mais que tenha consciência de uma norma idealizada ou que dela saiba se utilizar com maestria, apresenta variação em seu desempenho linguístico; certo de que todas as variedades sociais e regionais são funcionalmente equivalentes por permitirem a intercomunicação entre seus usuários [...] (BRANDÃO & VIEIRA, 2013, página 77)

## 1.1 Estigma social

É inegável que há variantes que são estigmatizadas e outras que são mais aceitas socialmente. Há uma enorme discussão a respeito do que pode ou não influenciar para que determinado fenômeno variável seja estigmatizado, mas acredita-se que toda forma que é “mal vista” pela sociedade diz respeito àquelas que são associadas às camadas economicamente mais baixas e menos favorecidas.

A falta de concordância – tanto verbal quanto nominal – são exemplos de fenômenos inegavelmente em variação que são estigmatizados pela sociedade. Casos como “*a gente vamos*” e “*as menina vai*” são considerados erros crassos e uma espécie de assassinato da língua portuguesa. Pessoas que utilizam essas variantes são, muitas vezes, alvo de discriminação, visto que a língua é regida por uma hierarquia de valores. Também no nível fonético-fonológico, há certos usos linguísticos que são alvo de preconceito e, sendo utilizados, acabam por estigmatizar o falante, tais como o fenômeno chamado de rotacismo, ou seja, a troca do fonema /l/ pelo R, em que o falante pronuncia “*bicicreta*” no lugar de “*bicicleta*”.

Tal variação no âmbito fonético é amplamente estigmatizada pela sociedade. Porém, outras formas que também não fazem parte da norma padrão são vastamente usadas por falantes mais escolarizados e não geram estigma social; é o caso da regência do verbo “*assistir*”. Segundo a Gramática Tradicional, tal verbo exige a proposição “*a*” quando seu significado equivale a “*ver*”, ou seja, deveríamos falar/escrever *assistiu ao jogo*”, embora o mais usual seja, mesmo na fala de indivíduos letrados, “*assistiu o jogo*”, sem que haja qualquer estigma social.

Há inúmeras formas variantes que não estão associadas a “*erros*”, ou seja, mesmo não estando nos padrões cultos da língua portuguesa, passam despercebidas. Além do exemplo já citado sobre a regência verbal, temos a suposta diferenciação entre “*esse x este*”: para a gramática tradicional, deveria ser feita uma distinção entre os pronomes demonstrativos *esse x este*. Segundo a Moderna Gramática Portuguesa, de Evanildo Bechara:

“*Este* livro é o livro que está perto da pessoa que fala; *esse* livro é o que está longe da pessoa que fala ou perto da pessoa com quem se fala; *aquela* livro é o que se acha distante da 1ª e da 2ª pessoa.” (Bechara, p. 167)

Apesar de existir tal regra gramatical, verifica-se corriqueiramente a maior utilização do “*esse*”, inclusive, é frequente a agregação de advérbios a esse pronome demonstrativo para fazer a diferenciação entre o que está perto ou não do falante. Por exemplo, usa-se o “*Esse livro aqui*” ou “*Esse livro aí*” e são os advérbios que dão a dimensão do que está perto ou o que está longe.

No âmbito fonético, podemos citar outro fenômeno variável que também parece não carregar o peso do estigma social e é o foco deste trabalho: o cancelamento do rótico em coda final, ou seja, a queda do **R** em final de palavra. Diferente do rotacismo, o cancelamento do rótico nessa posição não parece remeter exclusivamente a falantes menos escolarizados e Tessyer já verificava o caráter inovador do fenômeno se comparado ao comportamento linguístico de Portugal:

Pronúncia de r em final de sílaba. — Em certos registros familiares e vulgares, o português do Brasil tende a suprimir o r no final das palavras; ex.: doutô (doutor), pegá (pegar), fazê (fazer).

Por uma reação, o r, que permanece nos registros mais formais, é pronunciado nessa posição como r forte de carro, quando em Portugal, nesse caso, o que se encontra é r brando de caro. O mesmo sucede em final de

sílaba no interior da palavra; ex.: parte, certeza, têm r forte no Brasil, mas r brando em Portugal. (aspecto inovador da fonética brasileira) (página 68)

Uma das principais e primeiras pesquisas na perspectiva sociolinguística “*A estratificação social do (r) nas lojas de departamentos na cidade de Nova York*”, de Labov, mostra que a conservação do **R** ocorre com maior frequência na loja considerada de classe média/alta do que na loja de classe mais baixa, ou seja, a preservação do rótico, nesse estudo, parece ser um fator de prestígio.

Busca-se, portanto, neste trabalho, verificar se os índices de cancelamento são maiores na fala dos menos escolarizados, se comparada à dos mais escolarizados, e se, de fato, há estigma social associado à queda do segmento tanto na coda final quanto medial.

## 2. Objetivos

Na literatura, encontram-se diversos trabalhos que abordam a variação entre a presença e a ausência do **R** em posição de coda silábica final. Partindo de trabalhos com resultados já expostos sobre o cancelamento do **R** no final do vocábulo, pretende-se estender a análise deste fenômeno variável para a fronteira silábica medial. Decidiu-se fazer uma comparação entre os índices de apagamento do segmento em ambos os contextos silábicos, visto que o fenômeno de apagamento parece se comportar de maneira distinta nas diferentes fronteiras.

Além disso, busca-se analisar a variação dos fenômenos na fala de indivíduos de diferentes níveis de escolaridade e verificar quais fatores atuam e como atuam no cancelamento do rótico em cada uma das codas.

O principal objetivo é analisar mais a fundo algumas capitais do nordeste e o motivo de apresentarem comportamentos tão distintos no que se refere ao cancelamento **R** em posição de coda. Este trabalho visa observar o fenômeno fonético variável do apagamento do rótico em posição de coda silábica com o foco em duas cidades da região Nordeste do Brasil: João Pessoa e Teresina, comparando a fala de indivíduos mais escolarizados com a de falantes menos escolarizados.

Portanto, os principais objetivos do trabalho são: (a) analisar as diferenças entre o comportamento do fenômeno de apagamento do **R** em coda final e medial; (b) verificar quais grupos de fatores são importantes no processo de apagamento em coda

final e medial; (c) averiguar se o fenômeno se comporta de maneira distinta na fala de indivíduos com diferentes níveis de escolaridade; (d) verificar o motivo da fala das duas capitais do nordeste aqui estudadas – João Pessoa e Teresina – apresentarem condutas tão distintas.

### 3. Justificativa

Trabalhos anteriores como o de Callou, Serra & Cunha (2015) sobre o apagamento do **R** na fala culta de todas as capitais do Nordeste motivaram a escolha do corpus e do tema.

Foram observados altos índices de apagamento do **R** na fala de indivíduos mais escolarizados de João Pessoa tanto em posição de coda final, quanto de medial. Em contra partida, nota-se que, em Teresina, o processo se encontra menos avançado.

A escolha por tais cidades se justifica pelo fato de que há certa variabilidade entre os índices de apagamento do **R** na fala culta das capitais do NE do Brasil; em João Pessoa o índice geral é de 71%, enquanto Teresina é 48% (FARIAS, 2015). Lembrando que o índice geral de apagamento refere-se ao percentual de cancelamento do rótico na coda medial e da final juntos.

A partir de tais dados, procuramos investigar os fatores que condicionam o apagamento do **R** em cada uma dessas cidades tanto na fala culta, quanto não culta. Podemos verificar, a seguir, os índices gerais do apagamento do R em todas as capitais do Nordeste brasileiro e os percentuais de apagamento em coda final e medial.<sup>1</sup>

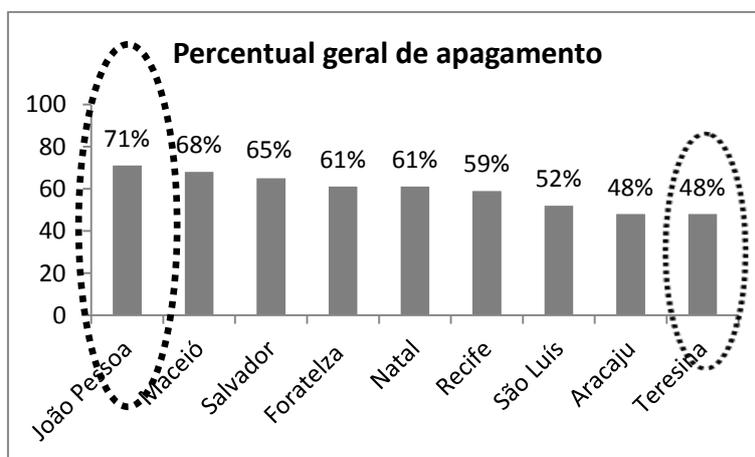


Gráfico 1: Percentual geral de apagamento do R das capitais do Nordeste – falantes mais escolarizados

<sup>1</sup> Os percentuais de apagamento foram arredondados para melhor exibição dos resultados.

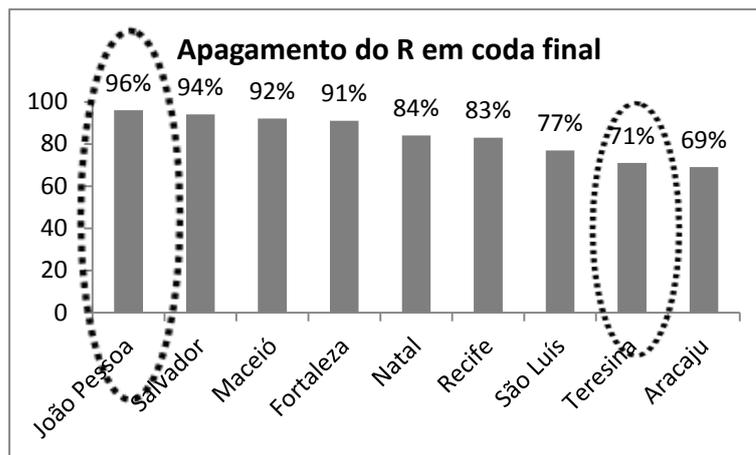


Gráfico 2: Percentual de apagamento do R das capitais do Nordeste – coda final- falantes mais escolarizados

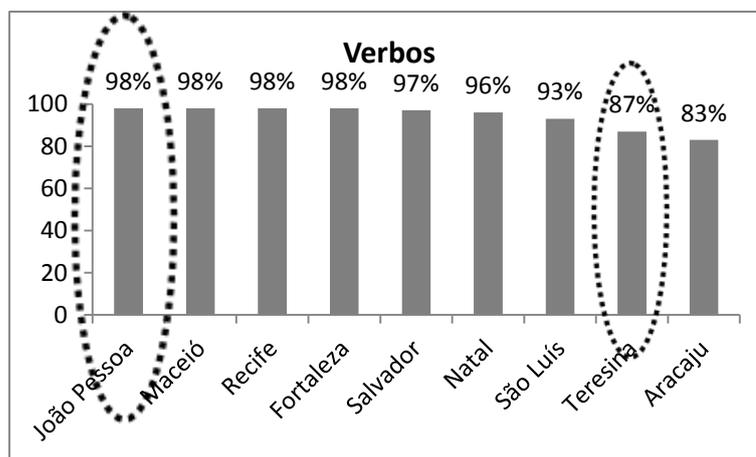


Gráfico 3: Percentual de apagamento do R nos verbos das capitais do Nordeste- coda final - falantes mais escolarizados

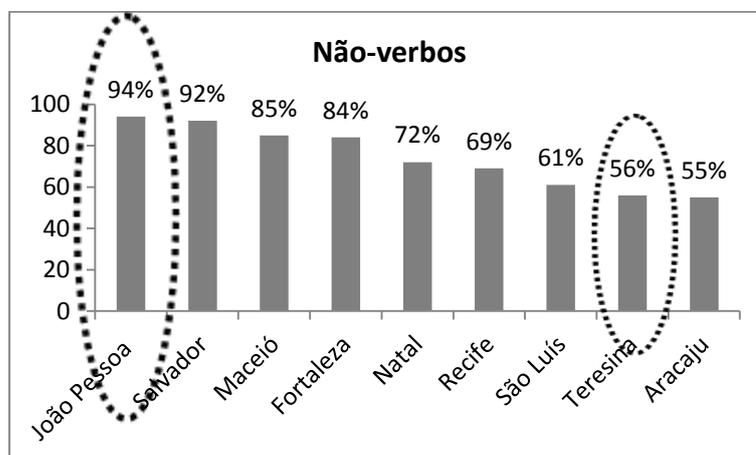


Gráfico 4: Percentual de apagamento do R nos não-verbos das capitais do Nordeste- coda final - falantes mais escolarizados

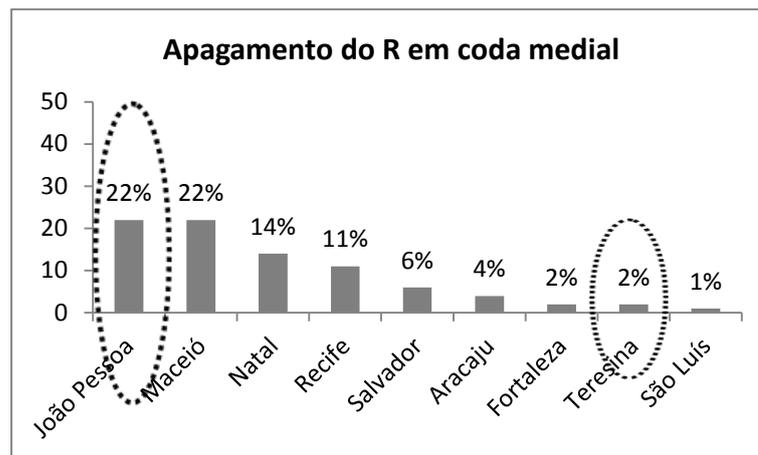


Gráfico 5: Apagamento do R das capitais do Nordeste – coda medial - falantes mais escolarizados

O diferencial, neste trabalho, é que se propõe a comparação do apagamento do **R** nas chamadas falas culta e não-culta<sup>2</sup> de ambas as cidades. O objetivo é observar se a tendência encontrada na fala dos mais escolarizados destas cidades também é verificada na fala de indivíduos com baixa escolaridade, ou seja, busca-se analisar o comportamento do fenômeno na fala dos menos escolarizados e averiguar se o processo de apagamento do **R** está mais avançado também em João Pessoa, se comparado à Teresina na fala de indivíduos que possuem menos anos de escolarização. Além disso, deseja-se verificar quais os fatores condicionam o apagamento na fala dos indivíduos de ambas as escolaridades.

Nossa hipótese é que o processo de apagamento teria começado pela fala dos menos escolarizados e se espreado pela dos mais escolarizados.

Os estudos sobre o apagamento do rótico na fala dos menos escolarizados ainda são iniciais, busca-se, portanto, ampliar a análise do fenômeno na fala destes indivíduos e verificar os possíveis fatores que condicionam o processo de cancelamento do segmento. Além do mais, Teyssier (1982) já afirmava que as diferenças entre os falantes mais escolarizados e menos escolarizados de uma mesma região podem ser mais significativas do que a diferença entre falantes com o mesmo grau de escolarização de regiões diferentes:

---

<sup>2</sup> Vale ressaltar que se considera aqui que a fala culta se refere a indivíduos com nível superior completo e a fala não-culta, a falantes sem graduação. Tais padrões são postulados pelo projeto NURC, porém, para este trabalho, chamaremos de indivíduos mais escolarizados (os que possuem nível superior completo) e menos escolarizados (até a 4ª série do ensino fundamental

Há, hoje, na língua do Brasil uma certa diversidade geográfica. Os linguistas vêm tentando elaborar o mapa dos “dialetos” brasileiros, à semelhança do que se tem feito para as línguas européias. Distinguem um Norte e um Sul, cuja fronteira se identificaria, grosso modo, com uma linha que, partindo da costa, seguisse da foz do rio Mucuri (extremo sul do Estado da Bahia) até à cidade de Mato-Grosso, no Estado do mesmo nome, próximo à fronteira boliviana. A realidade, porém, é as divisões “dialetais” no Brasil são menos gráficas que socioculturais. As diferenças na maneira de falar são maiores, num determinado lugar, entre um homem culto e o vizinho analfabeto que entre dois brasileiros do mesmo nível cultural originários de duas regiões distantes uma da outra. A dialetologia brasileira será, assim, menos horizontal que vertical. (páginas 64 e 65)

#### 4. Corpus e metodologia

A amostra em análise é composta por registros de fala espontânea de 16 indivíduos, distribuídos por nível de escolaridade, região (João Pessoa e Teresina), faixa etária (18 a 30 anos e 50 a 65 anos) e gênero -- dados esses retirados do *corpus* do projeto ALIB ([www.alib.ufba.br](http://www.alib.ufba.br)), constituído na primeira década deste século.

Com o objetivo comparativo, utilizam-se também os dados encontrados no trabalho de

Callou, Serra & Cunha (2015) que também são retirados do projeto ALIB. No referido trabalho, as autoras analisam o apagamento do **R** na fala dos mais escolarizados das nove capitais do nordeste e o *corpus* é composto por quatro falantes cultos de cada cidade, totalizando, 36 indivíduos – distribuídos por gênero e faixa etária.

O corpus do projeto ALIB é composto por diferentes questionários direcionados para aspectos:

(a) fonético-fonológico - 159 perguntas, às quais se juntam 11 questões de prosódia; (b) semântico-lexical - 202 perguntas; e (c) morfossintático - 49 perguntas.

A esses três tipos de questionários, acrescentam-se: questões de pragmática (04), temas para discursos semidirigidos - relato pessoal, comentário, descrição e relato não pessoal-, perguntas de metalinguística (06) e um texto para leitura - a "Parábola dos sete vimes. ([www.alib.ufba.br](http://www.alib.ufba.br))

Com objetivo de selecionar a fala mais espontânea possível são descartados os minutos iniciais das gravações e selecionadas, prioritariamente, as falas registradas no questionário de Temas para discurso semidirigidos, que são registros mais naturais da língua que o falante utiliza no seu dia-a-dia, visto que é composto por narrativas de acontecimentos marcantes que o falante relata sobre sua vida e de conhecidos.

Trabalha-se com os conceitos de variação e mudança, na linha do proposto por Labov (1994), a fim de verificar possíveis condicionamentos linguísticos e sociais atuam no processo do apagamento do **R**.

## 5. Revisitando os róticos

A questão da variabilidade dos róticos vem sendo discutida, mais detidamente, sob a ótica da sociolinguística variacionista laboviana, desde o final da década de 70 do século passado (CALLOU, 1987), não só em relação à norma de pronúncia, mas também ao processo de apagamento. Muitos outros trabalhos de cunho variacionista abordaram esse tema, tomando por base amostras de fala mais escolarizada ([www.letras.ufrj.br/nurc-rj](http://www.letras.ufrj.br/nurc-rj)) e menos escolarizada, do Rio de Janeiro e de outras regiões do país (CALLOU, LEITE & MORAES, 1996; MONARETTO, 2010; HORA & MONARETTO, 2003; FARIAS & CALLOU, 2014; CALLOU, SERRA, FARIAS & OLIVEIRA, 2013; FARIAS & OLIVEIRA, 2013), principalmente o processo de apagamento em coda silábica final.

Postulou-se que o apagamento do **R** teria relação com o *locus* da sílaba, ou seja, de que a fronteira silábica seria fator determinante para o processo de apagamento do rótico, entretanto, se este fator fosse, de fato, verificado, haveria índices semelhantes de apagamento em coda silábica final e medial, porém, não é isto que se verifica. Os índices de apagamento em coda final, em verbos, alcançam, muitas vezes, índices elevadíssimos, enquanto em coda medial, o fenômeno ainda se encontra em seu estágio inicial.

Segundo Callou e Serra (2012), os índices de cancelamento do segmento seriam influenciados pelo tipo de fronteira prosódica (NESPOR & VOGEL, 1986), ou seja, em fronteiras mais altas – como o Sintagma Entoacional – há menos aplicação do fenômeno variável, ou seja, há maior tendência de preservar o segmento, enquanto fronteiras mais baixas – como a Palavra Prosódica – há maior aplicação do fenômeno, ou seja, há uma maior probabilidade de queda do segmento.

Entretanto, devido ao processo estar bastante avançado na região nordeste, foi decidido, para este trabalho, não adotar a fronteira prosódica como uma variável, pois não parece mais influenciar no processo de apagamento devido ao seu grande avanço.

A partir da consideração de estudos anteriores, em que já foi atestado que o apagamento do **R** é maior em verbos do que em não-verbos, separamos os resultados dados em três grandes grupos: coda final verbos, coda final não-verbos e coda medial. Esta medida se dá, graças ao fato de ser notório o comportamento distinto no processo de apagamento; a classe morfológica é o fator que mais influencia no processo, portanto, precisa-se estudá-la separadamente, para que os resultados não sejam enviesados. Por tal motivo, serão apresentados os resultados separados e serão verificados os fatores que influenciam cada um dos grupos.

## 6. Hipóteses

Parte-se de três hipóteses principais: (a) o processo ser gradiente e atingir principalmente as cidades do Nordeste, região em que a norma de realização do rótico é uma fricativa [-anterior], uma aspiração; (b) os falantes da região Nordeste do país já não inibirem o processo de cancelamento em fronteira interna à própria palavra, em contraposição aos da região Sudeste e sul e (c) o fenômeno ter tido início na fala de indivíduos de baixa escolaridade e permanecer mais expressivo entre eles.

A primeira hipótese justifica-se pelo fato de a manutenção do segmento se dar, preferencialmente, nos dialetos em que a consoante possui o caráter de vibrante ápico-alveolar (CALLOU, LEITE & MORAES, 1996; MONARETTO, 2010; LEITE, 2011; HORA & MONARETTO, 2003). No Nordeste, a norma de pronúncia registrada é uma fricativa [-anterior] e haveria, portanto, maior tendência à queda do segmento, levando em conta as possíveis etapas do processo de enfraquecimento que levam à simplificação da estrutura silábica no Português do Brasil; *vibrante anterior* → *fricativa posterior* → *h* →  $\emptyset$ .

A segunda hipótese fundamenta-se na comprovação de que os falares da região Nordeste do Brasil apresentam um estágio avançado no processo de cancelamento do rótico (FARIAS & OLIVEIRA, 2013; CARDOSO *ET ALII*, 2014; CALLOU, SERRA & CUNHA, 2015). Verificou-se que, em alguns dialetos do Nordeste, o apagamento do rótico em coda final é quase categórico e estaria de tal forma avançado, que atingiria a coda silábica medial.

A terceira hipótese parte do princípio de que se trata de uma mudança de baixo para cima, em termos labovianos, ou seja, que tenha começado na fala dos menos escolarizados e se espreado pela fala dos mais escolarizados:

Para ilustrar como fenômenos sociais estão intrinsicamente ligados a fenômenos linguísticos, tomemos como exemplo o processo de apagamento do R em posição final. Considerado uma mudança “de baixo para cima”, usado nas peças de Gil Vicente para caracterizar a fala de negros, tem hoje uso irrestrito, não sendo privativo de mulheres ou de qualquer etnia, classe social ou nível de escolaridade. (...) Isso talvez indique que esse tipo de pronúncia não seja mais estigmatizado. (pág. 37) (Leite & Callou, 2002)

## 6.1 Grupos de Fatores

Para cada variável selecionada como grupo de fator que poderia ser relevante para o processo de apagamento, há uma hipótese.

Algumas variáveis se mostraram sempre significativas no processo de apagamento, tais como a classe morfológica – verbo / não-verbo (a principal delas); dimensão do vocábulo (número de sílabas do vocábulo); contexto subsequente (vogal, consoante, pausa); gênero, faixa etária e escolaridade.

Segue abaixo cada grupo de fator e sua respectiva hipótese para o fenômeno variável em coda final e medial:

- **Classe morfológica** – em toda literatura que aborda o cancelamento do R no português brasileiro, encontramos a classe morfológica como um dos principais grupos de fatores que influencia o fenômeno. No *Manual de Linguística*, organizado por Martelotta, verifica-se que “as pesquisas mostram que o R final de verbo no infinitivo é, na maioria das vezes, mais eliminado da fala de informantes de todos os graus de escolaridades do que o R final de substantivos e adjetivos.” Acredita-se que nos verbos, o R é uma marca morfológica redundante – e por isso, haveria menor tendência de se realizá-lo –, visto que o infinitivo verbal já é marcado pelo acento lexical e pela coda, o que explicaria o fato de que nos verbos há, comprovadamente, maior índice de apagamento do R do que nos não-verbos.

- **Dimensão do vocábulo** – outro grupo de fator já abordado na literatura é o número de sílabas; os falantes tendem a cancelar mais o rótico em vocábulos maiores do que em

vocábulos com menos sílabas. Isto se deve à saliência fônica: o R é menos saliente em vocábulos maiores.

- **Contexto subsequente** – esta variável difere a pausa, a vogal e a consoante que se apresenta após o rótico. A pausa – pista que o segmento está em fronteira de Sintagma Entoacional, a que mais inibe o apagamento – apresenta índices maiores de preservação, enquanto, em contexto de consoante subsequente, a probabilidade do rótico não ser realizado é maior.

- **Consoante subsequente** – essa variável se mostrou relevante no processo de apagamento do rótico no português europeu (MATEUS E RODRIGUES – 2004), em que obstruintes e nasais favoreciam o cancelamento do segmento no PE.

- **Gênero** – trabalhos clássicos e de grande importância para a sociolinguística já afirmavam que “Não raro, as mulheres tendem a liderar processos de mudança linguística, estando, muitas vezes, uma geração à frente dos homens” e

Quando se trata de implementar na língua uma forma socialmente prestigiada, (...) as mulheres tendem a assumir a liderança da mudança. Ao contrário, quando se trata de implementar uma forma socialmente desprestigiada, as mulheres assumem uma atitude conservadora e os homens tomam a liderança desse processo. (pág. 36)

Observando estes fragmentos, presentes em Mollica & Braga (2013), *“Introdução à Sociolinguística – o tratamento da variação”*, conclui-se, portanto que, há diferenças linguísticas entre o comportamento de homens e mulheres e por isso, se decidiu verificar se, para este fenômeno, o comportamento também é distinto.

- **Faixa etária** – novamente, como já é atestado em outros trabalhos “(...) os falantes mais velhos costumam preservar mais as formas antigas” (NARO, 2013). Além disso, “(...) as mudanças linguísticas normalmente se processam de maneira gradual em várias dimensões”. Com base nestas afirmações, decidiu-se separar os falantes em duas diferentes faixas etárias e verificar o comportamento de cada uma delas.

(...) a mudança linguística não é absolutamente mecânica e regular a curto prazo. Em qualquer estado real da língua, costumam coexistir formas de diversos estágios de evolução, apesar do fato de que a longo prazo – normalmente no espaço de várias gerações – a mudança quase sempre acaba afetando todos os itens lexicais e todas as estruturas de um determinado tipo. (Introdução à Sociolinguística – pág.43)

Baseados nestas postulações, buscamos verificar se a faixa etária seria um grupo de fator que influenciaria na atuação do fenômeno de apagamento do rótico, pois já é atestado que, geralmente, as mudanças linguísticas não são abruptas e tendem a começar nos indivíduos mais jovens.

- **Escolaridade** – busca-se verificar se o fenômeno de apagamento do rótico atua de maneira diferenciada na fala de indivíduos de níveis de escolaridades distintos. Parte-se da hipótese de que na fala de indivíduos menos escolarizados haveria maiores índices de cancelamento do **R** e a preservação seria maior na fala de indivíduos mais escolarizados.

Os três últimos grupos de fatores selecionados (gênero, faixa etária e escolaridade) são nossas variáveis não linguísticas, ou seja, externas, que juntamente com as variáveis linguísticas, atuam no processo de mudança.

As variáveis acima discutidas foram selecionadas para verificar os fatores que influenciam no apagamento do rótico em posição de coda final. Entretanto, é claro que o comportamento da líquida não-lateral é diferente na coda medial, por isso, fez-se necessário modificar ligeiramente as variáveis independentes.

Enquanto para o **R** em coda final foram selecionados seis grupos de fatores, para a análise do fenômeno na coda medial selecionamos apenas cinco grupos de fatores, visto que a variável “contexto subsequente” foi eliminada, pois não há, em coda medial, a possibilidade de haver uma contraposição entre *pausa x consoante*, uma vez que nesta posição específica, só há a possibilidade de o contexto subsequente ser uma consoante e nunca uma pausa. Os demais grupos de fatores permaneceram os mesmos: classe morfológica – verbo x não-verbo –, dimensão do vocábulo, consoante subsequente, gênero – masculino x feminino –, faixa etária e escolaridade.

## 7. Resultados e discussão

Para a análise estatística dos resultados foi utilizado o programa GoldVarb X (SANKOFF, D.; TAGLIAMONTE, A.; SMITH E., 2005) com o objetivo de verificar as variáveis selecionadas pelo programa como relevantes no processo de apagamento do R.

Foram analisados os dados de cada capital separadamente, ou seja, observamos os dados de todos os indivíduos de João Pessoa e os de Teresina, visto que nitidamente estas cidades apresentavam comportamentos distintos. Vale ressaltar que, nesta primeira análise, não se separou os indivíduos por nível de escolaridade, sendo analisada a fala de indivíduos mais escolarizados e menos escolarizados na mesma rodada.

Contudo, ao examinar os resultados obtidos, verificou-se que a variável escolaridade havia sido selecionada como a mais relevante em todos os casos, ou seja, o nível de escolarização foi apontado como determinante no processo de apagamento em ambas as cidades. Por tal motivo, decidiu-se analisar os resultados relativos à escolarização de maneira separada com o objetivo de verificar quais as variáveis influenciam no fenômeno em cada grau de instrução.

Além de apresentar e discutir os resultados separando falantes mais escolarizados dos menos escolarizados, verifica-se também a necessidade de separar verbos de não-verbos, isto porque em diversos trabalhos sobre o apagamento do **R** verificou-se que o percentual de apagamento do segmento é maior nos verbos se comparado aos não-verbos. Por isso, decidiu-se codificar verbos x não-verbos de forma separada, como já explicado seções anteriores. Os resultados, portanto, serão apresentados com separação entre classe morfológica e nível de escolaridade.

### 7.1 João Pessoa – verbos

Em João Pessoa, bem como em Teresina, confirmou-se que o **R** é mais frequentemente cancelado nos verbos, talvez pelo fato de a última sílaba do infinitivo receber sempre o acento de palavra, tornando a presença do rótico uma marca morfológica redundante e não bloqueando o processo de apagamento do segmento.

Em verbos, o percentual de apagamento na fala dos menos escolarizados foi de 97%, não tendo sido selecionada qualquer variável em virtude de o processo ser quase categórico. Com este resultado, atesta-se que praticamente não há diferença entre os

índices percentuais de apagamento do **R**, por nível de escolaridade, visto que foi encontrado o índice de 98% de apagamento na fala de cultos.



Gráfico 6: Apagamento do R em verbos - falantes mais escolarizados de João Pessoa



Gráfico 7: Apagamento do R em verbos - falantes menos escolarizados de João Pessoa

Ao observarmos os números reais, verifica-se que o fenômeno de apagamento é quase categórico nesta capital: na fala dos indivíduos mais escolarizados, registramos 111 ocorrências de verbos com o rótico na posição de coda final e apenas duas realizações; na fala dos menos escolarizados, de 205 ocorrências, registrou-se sete realizações. Com números tão altos de apagamento, não se pode mais verificar nenhum fator que condicione a queda do R, ou seja, nenhum fator parece mais favorecer ou desfavorecer o fenômeno.

O programa GoldVarb X, entretanto, nos aponta que diante de pausa a queda do **R** é menor do que diante de consoantes (0.24 x 0.79, respectivamente) e que falantes da primeira faixa etária apagam mais o rótico do que os demais (0.66 x 0.38, respectivamente).

## 7.2 João Pessoa – não-verbos

Os resultados relativos aos não-verbos revelaram um comportamento diferenciado. Esperava-se que o índice de cancelamento do segmento fosse maior na fala dos menos escolarizados, entretanto, os números apontam para uma direção oposta: foi registrado um maior percentual de apagamento na fala dos indivíduos com nível superior completo, como podemos verificar no gráfico a seguir.



Gráfico 8: Apagamento do R em não-verbos – falantes mais escolarizados de João Pessoa



Gráfico 9: Apagamento do R em não-verbos – falantes menos escolarizados de João Pessoa

Mais uma vez, devido ao alto índice de apagamento do rótico, na fala dos mais escolarizados da capital paraibana, não foram apontadas variáveis que influenciam no cancelamento do rótico nos não-verbos.

O programa GoldvarbX, utilizado para a análise mais aparada dos dados, selecionou dois grupos de fatores que influenciariam no processo de apagamento do rótico nos não-verbos na fala dos menos escolarizados de João Pessoa, sendo uma variáveis linguística e outra social: a dimensão do vocábulo e a faixa etária.

A dimensão do vocábulo se mostrou significativa para o processo de cancelamento do R em coda final, pois o rótico parece ser menos saliente em vocábulos com maior número de sílabas.

<b>Dimensão do Vocábulo</b>	<b>Oco/Total</b>	<b>% de apagamento</b>	<b>Peso Relativo</b>
<b>1</b>	4/14	29%	0.04
<b>2</b>	50/57	88%	0.64
<b>3</b>	5/6	83%	0.53
<b>4</b>	7/8	88%	0.71

Tabela 1: Apagamento do R em não-verbos em relação a dimensão do vocábulo – falantes menos escolarizados de João Pessoa

Nota-se, a partir dos dados apresentados na tabela 1, que há uma nítida oposição entre vocábulos de uma e de quatro sílabas; enquanto em vocábulos monossilábicos o peso relativo de apagamento é de 0.04, em palavras com mais número de sílabas, neste caso, com quatro sílabas, o peso relativo alcança 0.71.

Esses resultados vão ao encontro da nossa hipótese relativa à dimensão do vocábulo: há maior tendência de preservação do segmento em vocábulos menores se comparados aos de maior quantidade de sílabas.

A outra variável selecionada foi a faixa etária do falante. Conforme nossa hipótese inicial em relação à faixa etária, os resultados apontam que os falantes mais velhos tendem a utilizar a variante mais conservadora – neste caso, o rótico.

<b>Faixa etária</b>	<b>Oco/Total</b>	<b>% de apagamento</b>	<b>Peso Relativo</b>
<b>18 – 30 anos</b>	36/44	82%	0.68
<b>50 – 65 anos</b>	30/41	73%	0.29

Tabela 2: Apagamento do R em não-verbos em relação à faixa etária – falantes menos escolarizados de João Pessoa

No que se refere à faixa etária, percebe-se, a partir dos resultados relativos ao apagamento do R nos não-verbos na fala dos menos escolarizados, que os falantes mais jovens tendem a utilizar mais a forma inovadora, ou seja, o zero fonético, confirmando o processo de mudança.

### **7.3 João Pessoa – Coda Medial**

O comportamento do fenômeno de cancelamento do rótico não é o mesmo se houver a comparação entre a coda final e a medial: enquanto o processo na coda final se encontra extremamente avançado, o fenômeno na coda medial ainda está em seu início. A hipótese é que nos dialetos em que o apagamento do **R** em coda final é quase categórico, o fenômeno de apagamento já atinja a coda interna.

E é exatamente o que se encontra em João Pessoa, a capital da região nordeste do Brasil com maiores índices de apagamento do **R** em coda final também registrou índices relativamente elevados de cancelamento do **R** em posição de coda medial.

Com altos índices de apagamento do **R** em coda final registrados na fala dos indivíduos mais escolarizados (96%) e na fala dos indivíduos com baixa escolaridade (88%), os números relativos ao fenômeno na coda medial também são considerados altos, se comparados às demais cidades do Nordeste.

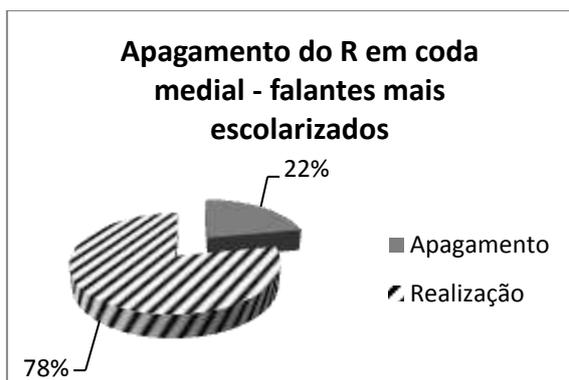


Gráfico 10: Apagamento do R em coda medial – falantes mais escolarizados de João Pessoa



Gráfico 11: Apagamento do R em coda medial – falantes menos escolarizados de João Pessoa

O percentual de apagamento do **R**, em coda medial, é ainda mais alto em falantes de baixa escolaridade, conforme o gráfico indica, o apagamento do segmento em coda medial na fala dos mais escolarizados é de 22%, já na fala dos menos escolarizados, 28%.

A variável que se mostra mais significativa no processo de apagamento do rótico em coda final não apresenta o mesmo peso em coda medial: a diferenciação entre classe morfológica não foi um grupo de fator apontado como relevante no processo de apagamento.

A consoante subsequente foi selecionada como fator relevante no processo de apagamento tanto no que se refere a falantes mais escolarizados quanto a falantes com baixa escolaridade, conforme apontam as tabelas 3 e 4.

Consoante subsequente	Oco/Total	% de apagamento	Peso Relativo
/s/	29/30	97%	0.97
/j/	2/3	67%	0.97
/v/	2/5	40%	0.80
/k/	9/36	25%	0.10
/d/	1/16	6%	0.04

Tabela 3: Apagamento do **R** em coda medial em relação à consoante subsequente – falantes mais escolarizados de João Pessoa

Consoante subsequente	Oco/Total	% de apagamento	Peso Relativo
/s/	20/23	87%	0.95
/v/	7/11	64%	0.88
/k/	12/25	48%	0.76
/j/	1/3	33%	0.52
/m/	3/26	12%	0.27
/d/	2/24	8%	0.22
/t/	3/44	7%	0.20

Tabela 4: Apagamento do **R** na coda medial em relação à consoante subsequente – falantes menos escolarizados de João Pessoa

A partir dos resultados obtidos, observa-se que o contexto subsequente favorecedor do apagamento do rótico é a consoante /s/. Vocábulos como “universidade”, “curso”, “conversa”, “terceiro” apresentam altos índices de apagamento do **R**, ou seja, ao que parece, a presença de uma fricativa alveolar favorece o cancelamento por uma possível assimilação  $R+S \rightarrow S+S \rightarrow S$ , processo fonológico muito produtivo na história da passagem do latim para o português como exemplifica Williams:

A maioria das modificações sofridas pelos grupos consonantais mediais teve seu começo em latim vulgar, e é geralmente difícil determinar quando haviam progredido pelo início do período português. Há uns poucos, entretanto, que claramente ocorreram em latim vulgar.

*rs* mediais do latim clássico > latim vulgar e português: *persicum* > pêssego; *personam* > pessoa; *ursum* > usso (arcaico); *uersum* > uesso (arcaico).

## 7.4 Teresina – Verbos

Na capital do Piauí, verificou-se índice maior de apagamento na fala dos menos escolarizados, tanto no que se refere a verbos quanto a não-verbos. Porém, mais uma vez, os índices de apagamento são ainda maiores nos verbos, como era de se prever.

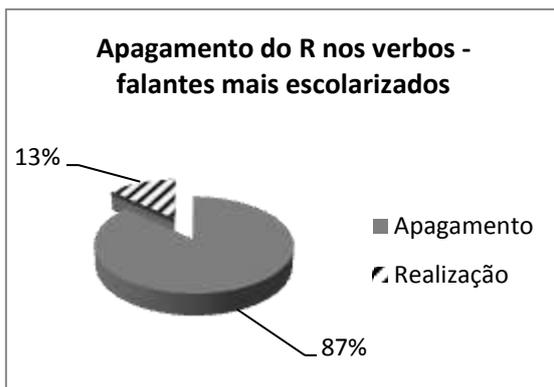


Gráfico 12: Apagamento do R em verbos – falantes mais escolarizados de Teresina



Gráfico 13: Apagamento do R em verbos - falantes menos escolarizados de Teresina

Nenhuma variável foi selecionada como significativa no processo de apagamento do róticos na fala dos indivíduos com nível superior completo de Teresina, apenas registrou-se, na fala dos menos escolarizados, menor percentual de apagamento diante de pausa – o que remete à hipótese da fronteira prosódica, visto que a pausa é uma das principais pistas da fronteira de sintagma entoacional, fronteira em que haveria maior tendência à preservação do rótico –, mas os índices de realização do segmento são muito baixos.

## 7.5 Teresina – não-verbos

A maior diferença no comportamento do fenômeno de apagamento entre as duas cidades aqui estudadas se encontra nos resultados relativo aos não-verbos da fala dos mais escolarizados. Enquanto em João Pessoa, obtivemos apagamento de 93% nos não-verbos (falantes mais escolarizados), em Teresina, registrou-se o índice de 56%, uma diferença percentual de mais de 30%.

Entretanto, esta diferença significativa só foi verificada na fala de indivíduos mais escolarizados, visto que, em contrapartida, na fala de indivíduos com baixa escolaridade, em João Pessoa o percentual de cancelamento foi de 78% e na capital do Piauí, 74%; ou seja, o comportamento do fenômeno variável é semelhante apenas no que se refere ao apagamento do R nos não-verbos na fala dos indivíduos menos escolarizados.



Gráfico 14: Apagamento do R em não-verbos – falantes mais escolarizados de Teresina



Gráfico 15: Apagamento do R em não-verbos – falantes menos escolarizados de Teresina

Assim como em João Pessoa, a variável que se mostra mais atuante em Teresina – além da classe morfológica – é a dimensão do vocábulo, tanto na fala dos mais escolarizados quanto na dos menos escolarizados. A Tabela 5 evidencia essa oposição, em relação aos não-verbos, na fala dos mais escolarizados e, a Tabela 6, aos não-verbos, na fala dos menos escolarizados

Dimensão do vocábulo	Oco/Total	% de apagamento	Peso Relativo
1	10/53	19%	0.12
2	46/61	75%	0.73
3	9/14	64%	0.56
4	18/21	88%	0.84

Tabela 5: Apagamento do R em não-verbos em relação à dimensão do vocábulo – falantes mais escolarizados de Teresina

Dimensão do vocábulo	Oco/Total	% de apagamento	Peso Relativo
1	8/14	36%	0.15
2	27/30	90%	0.77

Tabela 6: Apagamento do R em não-verbos em relação à dimensão do vocábulo – falantes menos escolarizados de Teresina

Fica evidente, a partir das tabelas apresentadas, que há uma diferenciação no apagamento do **R** em vocábulos monossilábicos: o apagamento é muito menos frequente em palavras de uma sílaba, se comparado aos de quatro sílabas. Vale destacar

que na tabela 6 não há vocábulos de três, quatro, cinco e seis sílabas, pois o apagamento nestes casos foi categórico, ou seja, mais um indício de que o apagamento é mais frequente em vocábulos maiores. A título de curiosidade, destaca-se que no corpus da fala dos indivíduos com baixa escolaridade de Teresina, registrou-se cinco palavras trissílabas e cinco tetrassílabas; uma com cinco sílabas e duas com seis sílabas e em nenhum dos casos houve a realização do R por parte do falante.

## 7.6 Teresina – coda medial

Os resultados relativos à coda medial apresentam, mais uma vez, diferenciação do fenômeno na atuação do processo por nível de escolaridade. Em falantes mais escolarizados, em Teresina, o índice de apagamento do R em coda final é de apenas 2%, enquanto na fala dos menos escolarizados, o percentual chega a 13%.

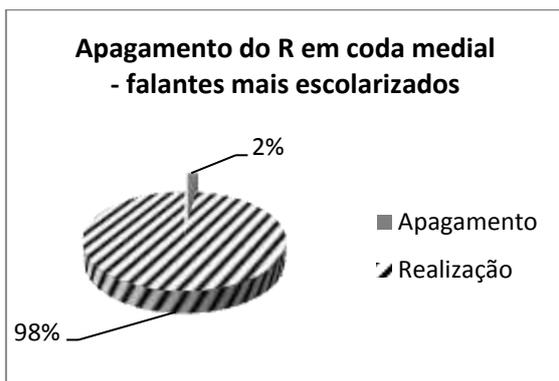


Gráfico 16: Apagamento do R em coda medial – falantes mais escolarizados de Teresina

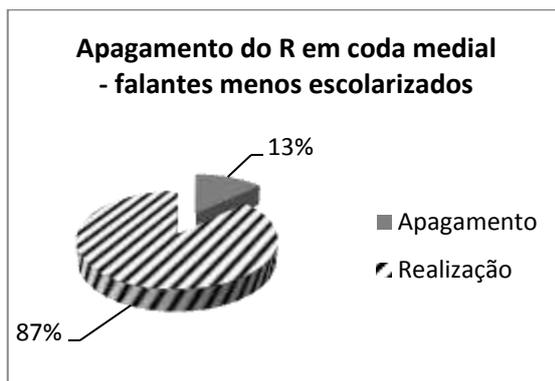


Gráfico 17: Apagamento do R em coda medial – falantes menos escolarizados de Teresina

Como se pode perceber, os índices de apagamento do **R** em posição de coda medial ainda são baixos na fala dos mais escolarizados; das 235 ocorrências do rótico nesta posição, o apagamento foi registrado em apenas quatro itens lexicais: participar, percurso, jornais e barzinho. Vale destacar que o apagamento do rótico na coda medial, nesta amostra, se restringiu ao contexto subsequente de consoante alveolar. Entretanto, devido ao número reduzido de dados, não se pode afirmar categoricamente que o ponto de articulação [alveolar] favoreça a queda do segmento na posição de coda interna.

Em coda medial, na fala dos menos escolarizados, o tipo de consoante subsequente é apontado como a variável mais relevante na atuação do processo. Como se pode verificar na tabela 7, a queda do rótico é mais frequente diante de [k] e [s].

Consoante subsequente	Oco/Total	% de apagamento	Peso Relativo
/k/	12/19	63%	0.71
/s/	2/4	50%	0.64
/g/	1/4	25%	0.34
/v/	1/10	10%	0.14

Tabela 7: Apagamento do R em coda medial em relação ao contexto subsequente – falantes menos escolarizados de Teresina

É importante destacar que para se alcançar o peso relativo, necessita-se retirar os *knockuts* e no que se refere ao contexto subsequente, registrou-se o cancelamento categórico do rótico em coda medial diante de /z/ e /f/, porém, foram encontradas apenas um caso de **R** diante de cada uma das consoantes citadas.

Das 138 ocorrências do rótico em posição de coda medial na fala de indivíduos com baixa escolaridade, foram encontradas apenas 18 registros de apagamento do segmento e em oito itens lexicais específicos: barzinho, marcante, albergue, março, perfume, força, serviço e porque (item que registrou a maior frequência de apagamento: 11 ocorrências).

## 8. CONCLUSÕES

### 8.1 Sintetizando as questões

A partir da análise empreendida, pode-se confirmar que o processo de apagamento do rótico está bastante avançado no Nordeste, especialmente no que se refere a coda final, porém seu comportamento é diferenciado por capital, por contexto linguístico (coda final e coda medial) e por nível de escolaridade.

Os gráficos 16 e 17, a seguir, apresentam um panorama geral do processo de apagamento do rótico nas duas capitais, levando em conta nível de escolaridade e

contexto de ocorrência. Além disso, evidencia-se que o apagamento do rótico em coda final está diretamente relacionado à classe morfológica.

Em coda medial, a questão é mais complexa e o processo é mais atuante em falantes de baixa escolaridade e não tem relação com a classe morfológica, mas sim com o item lexical em que está inserido o segmento, como comentado anteriormente.

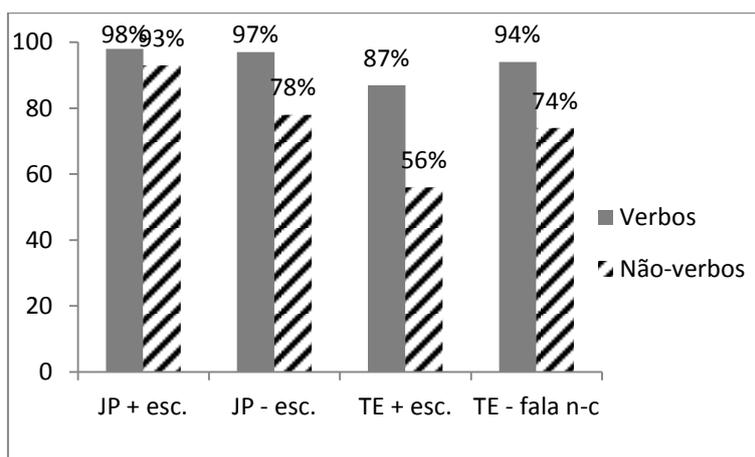


Gráfico 18: Apagamento do R em JP e Teresina, de acordo com a classe morfológica e nível de escolaridade (coda final)

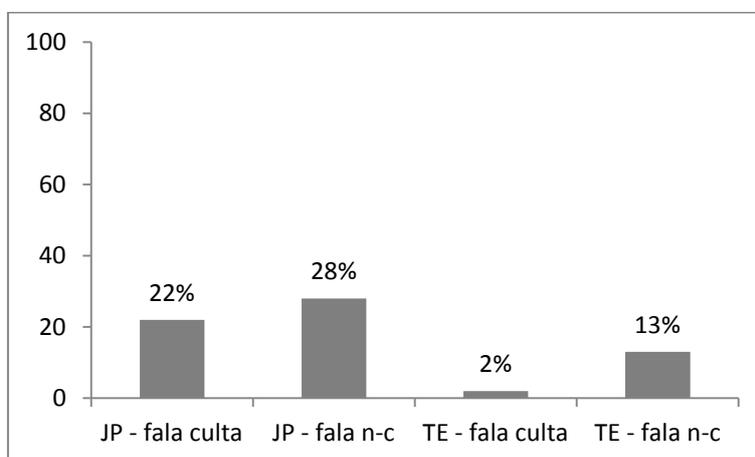


Gráfico 19: Apagamento do Rem JP e Teresina por nível de escolaridade (coda medial)

Comparando nossos resultados com os apresentados nas cartas F04 C3 e F04 C6, do atlas linguístico do Brasil (CARDOSO ET ALII, VOL 2, 2014), é possível ainda confirmar a hipótese de o processo estar mais avançado nos dialetos em que a norma de realização, em coda silábica interna, é uma fricativa glotal, isto é, uma aspiração. Observe-se que, em Teresina, em que existe uma tendência à preservação do segmento, nesse contexto, ocorrências de fricativa velar foram também registradas.

A partir dos resultados, conclui-se que o apagamento do **R** nos verbos em posição de coda final é praticamente categórico, tanto na fala dos indivíduos mais escolarizados quanto na dos menos escolarizados. A diferença entre os percentuais de apagamento são ínfimos e o fenômeno se apresenta de tal forma avançado que se pode postular uma mudança em progresso, visto que há um claro aumento do uso do zero fonético em comparação ao **R**. Poderia se afirmar que os indivíduos de ambas as cidades e de diferentes níveis de escolaridade optam em seu uso vernáculo pela não realização do rótico nos verbos no infinitivo.

No que se refere ao comportamento do **R** em posição de coda final nos não-verbos, verifica-se que em Teresina – capital em que o processo não está tão avançado – o fator escolaridade influencia no comportamento do fenômeno. A capital do Piauí apresenta 56% de apagamento do R na coda final de não-verbos na fala de indivíduos mais escolarizados, o segundo menor de todo o nordeste (cf. gráfico 4), já na fala menos escolaridade o percentual atinge 74%, quase igualando-se ao de João Pessoa (78%) neste mesmo contexto.

Analisando todos os resultados obtidos em relação à coda final, pode-se afirmar que (a) João Pessoa apresenta índices elevados de apagamento do R tanto em verbos quanto em não-verbos sem distinção de escolaridade; (b) Teresina ainda apresenta uma diferenciação entre os índices de apagamento de indivíduos mais e menos escolarizados (mais nos não-verbos do que nos verbos); (c) a capital do Piauí ainda retém mais o segmento se comparado a João Pessoa; (d) não parece mais haver estigma social no que se refere ao cancelamento do R em posição de coda final, visto que:

(...) quando falantes mais cultos estão usando uma forma que anteriormente não tinha prestígio, isso significa que ela deixou de ser estigmatizada e passou a ser normal dentro da comunidade de fala de pessoas escolarizadas, o que pode significar mudança, ou seja, substituição de uma forma mais antiga pela forma mais nova. (página 152) Manual de Linguística.

No que se refere as hipóteses postuladas para a coda final, confirma-se, mais uma vez, que a classe morfológica é fator determinante para o processo de apagamento, em que há maior índice de queda do **R** em verbos do que em não-verbos. A dimensão do vocábulo também se mostrou relevante na atuação do fenômeno: vocábulos mais extensos tendem a não reter o segmento e vocábulo monossilábicos apresentam os maiores índices de preservação do rótico.

Em João Pessoa, ainda se percebe que a faixa etária é um fator atuante, visto que, indo ao encontro da nossa hipótese, indivíduos mais jovens tendem a utilizar a forma mais inovadora, o zero fonético, do que os mais velhos. Porém, no que se refere ao gênero, não foram registradas diferenças significativas entre os índices de apagamento na fala de homens e mulheres.

Os resultados referentes à coda medial apresentaram diferenças significativas em comparação à coda final. Como era de se esperar, o fenômeno de apagamento atua de maneira distinta na coda medial, ou seja, os fatores que foram relevantes no processo de cancelamento do rótico na coda final não são os mesmos na coda medial.

Diferente do que ocorre na coda final, a classe morfológica não é uma variável relevante no processo de apagamento do **R** na coda medial; não há registro de distinção entre os índices de apagamento de verbos x não-verbos, bem como a dimensão do vocábulo não se mostrou fator significativo para o apagamento.

O nível de escolaridade no contexto de coda interna mostra-se de extrema relevância no cancelamento do rótico isto porque os percentuais de apagamento do segmento são distintos no que se refere ao nível de escolaridade, tanto em Teresina quanto em João Pessoa.

Na fala dos indivíduos com nível superior completo de Teresina, o índice de apagamento do **R** em coda medial é de apenas 2% e na fala dos menos escolarizados, 13%. Percebe-se que os números ainda são baixos, principalmente se comparados aos números de apagamento da coda final, entretanto, nota-se que este fenômeno atinge com maior frequência a fala de indivíduos com baixa escolaridade. O mesmo acontece em João Pessoa que apresenta índice de apagamento na fala dos indivíduos mais escolarizados de 22% e na dos menos escolarizados, de 28%.

Não se pode esquecer que, além da escolaridade, a consoante subsequente é a variável mais atuante no processo de apagamento em coda medial. O que se verificou foi que tanto João Pessoa quanto em Teresina o fonema /s/ parece favorecer o apagamento do R em coda medial, remetendo ao processo histórico já citado sobre a assimilação de RS > SS > S. Além disso, o vocábulo “porque”, em Teresina, apresenta índice considerável de apagamento, talvez pela frequência do vocábulo ou pelo R apresentar características de coda final.

A partir de tais resultados pode-se aferir que (a) em Teresina, o fenômeno de apagamento em coda medial está menos avançado do que em João Pessoa, assim como

na coda final; (b) apesar de o processo ainda parecer estar em seu início, João Pessoa apresenta índices elevados de apagamento – sendo o maior índice de todo o nordeste na fala dos mais escolarizados (cf. gráfico 5); (c) acredita-se que João Pessoa, por apresentar altos números de apagamento do **R** em coda final, alcance índices também mais elevados de cancelamento na coda medial e (d) o cancelamento do rótico em coda medial parece estar mais associado à falantes menos escolarizados.

Sendo assim, parece que o cancelamento do **R** em coda final não apresenta (mais) o estigma social enquanto o apagamento na coda medial parece ser um fenômeno mais estigmatizado, justamente por apresentar maior frequência de uso na fala de indivíduos menos escolarizados.

## 9. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BECHARA, E. Moderna gramática portuguesa. 37. vd. ver., ampl. e atual. conforme o novo Acordo Ortográfico. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.
- BRANDÃO, S. F.; VIEIRA, S. R.. (Org.). Ensino de gramática: descrição e uso. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2013
- CALLOU, D. M. I ; SERRA, C. R. ; CUNHA, c. . MUDANÇA EM CURSO NO PORTUGUÊS BRASILEIRO: O APAGAMENTO DO R NO DIALETO NORDESTINO. Revista da ABRALIN, v. 14, p. 195-219, 2015.
- CALLOU, D. M. I. . Variação e Distribuição da Vibrante Na Fala Culta do Rio de Janeiro. RIO DE JANEIRO: UFRJ/PROED, 1987.
- CALLOU, D. M. I. ; SERRA, C. . Variação do rótico e estrutura silábica. Revista do GELNE, v. 14, p. 41-57, 2012.
- CALLOU, D.; LEITE, Y. & MORAES, J. 1996. Variação e diferenciação dialetal: a pronúncia do /r/ no português do Brasil. In Gramática do Português Falado vol. VI, I. Koch, (ed.), 465-493. Campinas: UNICAMP.
- CALLOU, D.; SERRA, C.; FARIAS, A. & OLIVEIRA, I. So/R/vete ~soØvete: o cancelamento do rótico em posição de coda silábica medial no falar de Salvador. Trabalho apresentado no VIII Congresso Internacional Abralín, 2013.
- CARDOSO, S. et alii. Atlas linguístico do Brasil. Cartas linguísticas, vol. 2. Londrina EDUEL, 2014.

- CARDOSO, S. et alii. Atlas linguístico do Brasil. Cartas linguísticas, vol. 2. Londrina EDUEL, 2014.
- FARIAS, A. & CALLOU, D. M. I. . A distribuição do processo de apagamento do rótico nas quatro últimas décadas: três capitais em confronto. In: Grupo de Estudos Linguísticos e Literários do Nordeste - GELNE, 2014, Natal. 25<sup>a</sup> Joranda Nacional do GELNE, 2014.
- FARIAS, A. & OLIVEIRA, I.C. . Os róticos no Nordeste do Brasil: o apagamento em coda final e medial. 2013.
- FARIAS, A. ; OLIVEIRA, I.C. . O apagamento do rótico no português brasileiro e no português europeu: o lido e o dito. In: IV colóquio brasileiro de prosódia da fala, 2013, Maceió. Anais do colóquio brasileiro de prosódia da fala, 2013. V. 2.
- GNERRE, Maurizio. Linguagem, Poder e Discriminação. In:Linguagem, Escrita e Poder. 4. ed., São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- HORA, D.& MONARETTO, V.. Enfraquecimento e apagamento dos róticos. In: D. Hora &G. Collischonn (orgs.). Teoria Linguística: fonologia e outros temas. João Pessoa: Editora Universitária, p. 114-143. 2003
- LABOV, W. 1994. Principlesoflinguisticchange. Internalfactors. Cambridge, Blackwell.
- LABOV, W. A estratificação social do (r) nas lojas de departamentos na cidade de Nova York. In. LABOV, W. Padrões sociolingüísticos. São Paulo: Parábola, 2008
- LEITE, C. M. B.. Estudo do /R/ em coda silábica medial e final no falar campineiro. In: Anais do VII Congresso Internacional da Abralín ISSN 21797145. Curitiba, 2011.
- LEITE, Yonne& CALLOU, Dinah. Como falam os brasileiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.
- MARTELOTTA, Mario Eduardo (org.). Manual de Linguística. 1.ed.São Paulo: Editora Contexto, 2009.
- MATEUS, M. H. & RODRIGUES, C., 2004: A vibrante em coda no Português Europeu,Actas do XIXº Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística - Lisboa, p. 289-299.
- MOLLICA, M. C. & BRAGA, M. L. (orgs.). Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação. 4. Ed. São Paulo: Contexto, 2013.
- MONARETTO, V. 2010. Descrição da vibrante no português do sul do Brasil. In: BISOL, L.; COLLISCHONN, G. (Orgs). Português do Sul do Brasil. Porto Alegre: EDIPUCRS, p.119-127

- NESPOR, M. and I. Vogel. 1986. Prosodic Phonology. Dordrecht: Foris.
- SANKOFF, D., TAGLIAMONTE, A. & SMITH, E. (2005). Goldvarb X: A variable rule application for Macintosh and Windows. Department of Linguistics, University of Toronto.
- TEYSSIER, Paul. História da Língua Portuguesa. Trad. Celso Cunha. Martins Fontes, 1982.
- WEINREICH; LABOV, W. & HERZOG, M. (1968). "Empirical Foundations for Theory of Language Change". In: LEHMANN, Paul; MALKIEL, Yakov. (eds.) Directions for Historical Linguistics. Austin: University of Texas Press: 95-188. [Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística. Trad.: Marcos Bagno; revisão técnica: Carlos Alberto Faraco. São Paulo: Parábola, 2006.]
- WILLIAMS, EDWIN B., Do Latim ao Português. 3ª ed., Tempo Brasileiro, Rio de Janeiro, 1975